

GRAFISMOS E FEMINISMOS: Ensaio sobre Cultura e Resistência

Leticia Blank Netto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina.

Bolsista CAPES.

leticiablank@hotmail.com

*Simpósio Temático nº 04 – Arte, Gênero e Sexualidade: Gramáticas de Resistência e Existência
Dissidentes*

RESUMO

Os grafismos urbanos podem atuar como formas de construção de identidades e de expressões culturais, proporcionando uma forma de instituir liberdades no âmbito da democracia. Apesar de os grafismos em sua totalidade não possuírem como um fim o reconhecimento artístico, como no caso da pixação, eles possuem uma característica presente de contestação e de criticidade frente às culturas dominantes. A teoria e a prática dos feminismos desempenharam um papel de extrema importância dentro das lutas e das conquistas desse contexto, pois o espaço destinado para as mulheres nas cidades muitas vezes se limita as mais diversas formas de violência. A partir disso, o presente ensaio será investido em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório, buscando dimensionar o papel dos grafismos urbanos nas vivências das mulheres nas cidades. Apesar de os grafismos possuírem a sua origem dentro das periferias, o próprio ideário do grafismo como arte está em consonância com o âmbito geral das artes, em um cenário que os artistas consagrados são em sua maioria homens, brancos e de classes mais altas. Ainda que a presença das mulheres nos grafismos seja considerada minoritária, é possível identificar um caráter de lutas feministas nos muros das cidades e a sua maior inserção através dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Cultura. Feminismos. Grafismos Urbanos. Resistência.

ABSTRACT

Urban graphics can act as ways of constructing identities and cultural expressions, providing a way of instituting freedoms in the context of democracy. Although the graphics in their entirety do not have artistic recognition as an end, as in the case of pixação, they have a present characteristic of contestation and criticality in the face of dominant cultures. The theory and practice of feminisms played an extremely important role in the struggles and achievements of this context, as the space allocated to women in cities is often limited to the most diverse forms of violence. From that, this essay will be invested in a bibliographical review of qualitative and exploratory character, seeking to dimension the role of urban graphics in the experiences of women in cities. Despite the fact that graphics have their origin within the periphery, the idea of graphics as an art is in line with the general scope of the arts, in a scenario in which the established artists are mostly men, white and from the higher classes. Although the presence of women in the graphics is considered a minority, it is possible

to identify a character of feminist struggles on city walls and their greater insertion through social movements.

Keywords: Culture. Feminisms. Urban Graphics. Resistance.

INTRODUÇÃO

Nas mais diversas formas de manifestação e existência no meio urbano, a cultura emerge como uma importante forma de expressão e de diversidade dentro das cidades. A construção cultural pode ser observada a partir de suas práticas e costumes, relacionando seus procedimentos com o contexto em que são produzidos. No momento em que a produção cultural deixa de ser observada a partir de seus atravessamentos, como no caso dos marcadores sociais da diferença, criam-se espaços para relações culturais baseadas no poder e na violência simbólica.

Os grafismos urbanos, a partir de sua origem periférica e contracultural, torna-se um instrumento que se posiciona contra a cultura hegemônica e vai de encontro aos impulsos revolucionários. Os impulsos partem das resistências e dissidências urbanas, intermeditando a comunicação dos agentes sociais com o seu território de atuação e de moradia. Por questões metodológicas, o ensaio adotou o termo “grafismos” para se referir ao *graffiti* e a pixação, que também possuem terminologias diferentes para realizar o afastamento dos termos utilizados pela lei que criminaliza tais práticas, sobretudo nas práticas desautorizadas.

A partir de observações livres dentro das cidades, foi perceptível a presença de grafismos que denotam as lutas e conquistas feministas. Apesar do movimento feminista ser composto por diversas frentes e formas de atuação, há um consenso da existência de estruturas de opressão em relação às mulheres. Os grafismos urbanos e os movimentos feministas apresentam possibilidades de aproximação, principalmente nas formas de subjetivação das vivências e de ocupação de espaços que eram destinados para a cultura dominante – homens, brancos e de classes sociais elevadas.

O ensaio será desenvolvido com base em revisões bibliográficas e posicionamentos a partir das subjetividades de uma pesquisadora, mulher e feminista. A pesquisa será realizada de forma qualitativa e exploratória, buscando dimensionar o papel dos grafismos urbanos nas vivências das mulheres nas cidades. O ponto de partida será a temática cultural e as suas formas simbólicas de dominação e manifestação de poder. A segunda parte será dedicada para a discussão sobre identidades, gênero e resistências. E, por fim, o ensaio será finalizado com a discussão sobre os efeitos

dos grafismos urbanos nas vivências das mulheres, especialmente nas manifestações dos movimentos sociais feministas.

A DINÂMICA CULTURAL E OS GRAFISMOS URBANOS

Pensar em cultura é, em muitos casos, pensar em ferramentas que os indivíduos utilizam para ver e interpretar as estruturas ao seu redor. A dinâmica cultural permite a compreensão das estruturas relacionais através de perspectivas de passado, de presente e de futuro. Essas relações sociais são marcadas pela transformação, pela diversidade e pela apropriação, ocasionando diversas formas de contato e de conflito. Por conta disso, pensar em cultura também é compreender que os indivíduos possuem uma multiplicidade de formas de existência e atravessamentos¹.

A partir dessa multiplicidade de formas existenciais, é possível observar que a cultura pode ser construída de forma individual ou coletiva, como no caso da ciência, da música e da arte, que é o instrumento privilegiado neste ensaio². Individual ou coletiva, a cultura possui lógicas próprias de funcionamento e para entendê-las, é necessário analisar as suas práticas, os seus costumes e as suas transformação, relacionando os procedimentos culturais com o contexto em que são produzidos. Além de práticas e concepções, a cultura é delimitada a partir de todos os aspectos da realidade que é composta³.

No momento em que a cultura deixa de ser interpretada a partir de seus atravessamentos, como no caso dos marcadores sociais da diferença, suas discussões e contrapontos abrem espaço para as relações de poder e de violência simbólica. Apesar de a cultura existir de forma coletiva, quando analisamos os marcadores de classe, raça, gênero e etnia, percebemos que o seu controle e benefícios não pertencem a todos e a todas. No caso dos marcadores sociais da diferença, cria-se uma relação simbólica entre a cultura e as relações de poder e a temática passa a ser debatida a partir da observância dos sistemas de dominação impostos pela sociedade regida pelo capital⁴.

Nas lições de Pierre Bourdieu (2007), percebemos que a “cultura que une (intermédio de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em

¹ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. – 14.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

² EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sofia Rodrigues. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

³ LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. – 14.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

⁴ SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

relação à cultura dominante”⁵. As relações de poder no campo cultural estabelecem uma forma hegemônica de apreciação, organizando simbolicamente os marcadores sociais da diferença, que nesse trabalho centra-se na questão de gênero. Em um paradigma utópico de cultura, a reprodução do capital cultural deveria ser de pertencimento popular, mas não pertence a todos e a todas⁶.

Como uma forma de resistência a essas concepções, foi criado o movimento de contracultura, adotando uma postura radical à cultura tradicional. O movimento emerge na década de 1960 como uma forma independente da cultura pré-estabelecida e descrita como uma cultura marginal⁷. A partir de visões e perspectivas alternativas, a contracultura demonstrou o descontentamento com o controle cultural estabelecido pela cultura parental e social. Além disso, ocupou um espaço de crítica contra as instituições que representavam os sistemas dominantes e o controle informal, como no caso da mídia, da escola, da igreja e da família⁸.

A partir da contracultura, os grafismos urbanos surgem como forma de expressividade das comunidades periféricas, buscando manifestar as suas concepções e vivências através da representatividade. Esse processo pode ser analisado como um impulso revolucionário que se origina a partir das resistências urbanas⁹, momento em que as inquietações e contestações entram em cena¹⁰. As resistências urbanas utilizam dos grafismos como instrumento de comunicação com o seu território e também como uma forma de revolucionar o *status* quo através de críticas políticas e sociais¹¹.

Do ponto de vista jurídico, o Brasil é o único país que realiza um distanciamento e normatiza duas formas de intervenções no meio urbano através da Lei nº 9.605/1998¹², em um cenário que o *graffiti* vem sendo absorvido pelo contexto hegemônico cultural e ganhando apoio do poder público, ao passo de que a pixação é criminalizada através de uma ótica de poluição visual e vandalismo. O

⁵ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz – 11ª Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007, p. 11.

⁶ CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. – 3 ed.1. reimp – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

⁷ MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade: (re)inventando o sertão nordestino na década de 70**. Annablume, 2004.

⁸ CORTÉS, Tania Arce. Subcultura, contracultura, tribus urbanas y culturas juveniles: ¿homogenización o diferenciación?. **Revista argentina de sociología**, v. 6, n. 11, p. 257-271, 2008.

⁹ BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz – 11ª Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

¹¹ FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Revista Subjetividades**, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, 2009.

¹² BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm. Acesso em: 10 nov. 2021.

que pode ser extraído desta previsão legislativa é de que o espaço público como objeto de acessibilidade entra em xeque, pois determina quem pode utilizar, consumir e reproduzir conteúdos culturais no meio urbano¹³.

Nesse cenário, os grafismos urbanos contam com o caráter de desestruturação de bens patrimoniais considerados simbólicos e de contrariedade às legendas políticas e publicitárias com estéticas previsíveis, promovendo a desarticulação de linguagens institucionalizadas¹⁴. Os grafismos urbanos e as suas intersecções com as dinâmicas culturais atuam como um movimento de contestação e de construção de identidades, colocando como protagonista a iconografia popular¹⁵.

SUBJETIVIDADES E RESISTÊNCIAS DENTRO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS FEMINISTAS

Como formas de instituir liberdades no âmbito da democracia, a prática dos grafismos atua como instrumento de lazer, de comunicação com o seu território e de construção de identidades¹⁶. As identidades não podem ser observadas a partir de uma lógica autônoma, pois estão embricadas através de seus antagonismos de origem, especialmente nos movimentos sociais feministas que serão privilegiados neste ensaio. A identidade social é construída a partir do inconsciente, estando o consciente em pequenas ou grandes doses nessa composição. Por conta disso, as identidades não são explicadas a partir do desempenho de papéis e teorias de aprendizagem, mas sim a partir das próprias relações e subjetividades¹⁷.

A identificação e representatividade dos movimentos feministas remetem a discussão proposta por Judith Butler (2003), que percebe uma necessidade dos movimentos em determinar o que e quem é o sujeito central do feminismo. Acontece que este sujeito não é um conceito de fácil detecção e definição, tendo em vista que não é delimitado por termos estáveis e permanentes. De acordo com a

¹³ FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

¹⁴ CANCLINI, Néstor Garcia, **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da introdução Gênese Andrade. – 4. ed. 4. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

¹⁵ BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

¹⁶ FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Revista Subjetividades**, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, 2009.

¹⁷ SAFFIOTI, Heleith. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas sociais**, n. 2, p. 59-79, 1997.

autora, o feminismo estaria objetivando delimitar uma identidade comum, algo como a padronização do feminismo. Na prática essa tarefa é considerada impossível, por conta da pluralidade existente dentro desses movimentos. A crítica feminista precisa identificar a forma que esse sujeito é reprimido pelas estruturas de poder, por meio das quais busca-se uma emancipação¹⁸.

A categoria “gênero” tem sido articulada pelos movimentos feministas desde o século passado, pensando o caráter relacional entre os sexos e de que o gênero se apresenta enquanto categorização do que é ser mulher, enfatizando a construção de papéis adequados para homens e mulheres. Essas construções foram determinadas de forma biológica, ou seja, determinadas através do sexo biológico. Essa esfera veio à tona em virtude de que as categorias daquela época se mostravam incapazes de explicar as desigualdades entre homens e mulheres, pois além de se reproduzir, demonstravam um caráter de continuidade¹⁹.

O gênero, nas lições de Joan Scott (1995), é uma forma primária de dar significado às relações de poder. As relações de gênero não são limitadas ao espaço familiar, pois estão presentes nas instituições e organizações sociais, como no mercado de trabalho, na educação e no sistema político. Gênero não se trata somente da vida privada, mas sim da organização política da nossa sociedade. A história, em muitos casos, é construída através da homogeneidade dessas categorias, ignorando a existência de pensadoras que contestaram as ideias de feminilidade²⁰.

O movimento feminista é composto por diversas frentes e formas de atuação e, apesar de apresentarem pautas diferentes, todos os movimentos reconhecem existência de estruturas de opressão em relação às mulheres. A teoria e a prática do feminismo desempenharam um papel de extrema importância dentro das lutas e das conquistas nesse contexto. O debate sobre o capitalismo patriarcal foi colocado em uma posição basilar e apresentou a sustentação material e simbólica de opressão contra as mulheres. A partir disso foi evidenciado o caráter político da esfera privada, ligando os debates sobre a violência contra a mulher, a sexualidade e os direitos reprodutivos às relações de subordinação e submissão²¹.

Uma preocupação constante das mulheres que ocupam espaços nos centros urbanos são as questões de segurança, de violações e de padrões sociais. O espaço destinado para as mulheres no contexto urbano muitas vezes se limita à violência de gênero, dentro das dicotomias entre o público

¹⁸ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

¹⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

²⁰ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

²¹ GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

e o privado. O ambiente público, em muitos casos, é destinado para a ocupação dos homens. Já o ambiente doméstico, dentro de uma dinâmica patriarcal, é destinado para as mulheres²².

No entanto, a elevação dos conceitos público/privado apesar de extremamente importantes para conquistas feministas, acortinou ao invés de revelar o passado²³. Havia lacunas sobre uma das formas mais violentas de discriminação contra a mulher, que é a discriminação racial²⁴. Quando tratamos sobre a vida das mulheres negras, percebemos que elas estão presentes há muito tempo no espaço público para garantir a sua sobrevivência. Através dessas lacunas, a percepção sobre a opressão contra as mulheres foi ampliada, deixando de se remeter somente a mulher branca, abastada, casada e com filhos, passando a tratar sobre outras formas de invisibilização contra a mulher e abrindo a luta e a discussão sobre os feminismos negros, indígenas, com diversidades funcionais, lésbicos e transfeminismos²⁵.

A RESISTÊNCIA DOS FEMINISMOS A PARTIR DOS MUROS DA URBE

As inquietações sobre a presença da mulher dentro dos espaços urbanos surgiram a partir da percepção de a temática ser investida e direcionada para os homens. Apesar de os grafismos terem sido originados dentro de um contexto periférico, a própria ideia dos grafismos como arte, sobretudo no *graffiti*, está em consonância com o âmbito geral das artes. Nesse caso, os artistas consagrados e que possuem espaços de manifestação são em maioria homens, brancos e de classes mais elevadas²⁶.

Ao ocupar e colorir os espaços públicos, as mulheres que atuam na cena dos grafismos buscam a legitimidade de seu direito à cidade. Inseridas em uma quarta onda do movimento feminista, a resistência das mulheres dentro da urbe contribui para a compreensão de uma luta por equidade que não mais diferencie o espaço que deve ser ocupado por homens e o espaço que deve ser ocupado pelas mulheres. As mulheres estão presentes nas cidades na busca pelo reconhecimento e os grafismos

²² ANTUNES, Caroline Muller; MARGARITES, Ana Paula Freitas. A mulher, a cidade e o muro: o reconhecimento do traço feminino nos muros pelotenses. **PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 1, n. 1, 2017.

²³ DRAKOPOULOU, Maria. **Feminist historiography of law: exposition and proposition**. 2018.

²⁴ GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

²⁵ DE JESUS, Jaqueline Gomes. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. **Anais do Fazendo Gênero**, v. 10, p. 1-10, 2013.

²⁶ FREITAS, Nathália de et al. **Grafites feministas: espaço de luta e resistência na arte urbana (2000-2018)**. 2019.

permitem adentrar em campos que eram estritamente ocupados pela ótica masculina. Trata-se aqui da representação de que o direito à cidade também precisar ser feminista²⁷.

As resistências nas cidades caracterizam-se pelas temáticas abordadas pelas mulheres nos muros das cidades, estando presentes assuntos sobre o corpo, os direitos sexuais e reprodutivos, as pautas raciais, o patriarcalismo, as manifestações de poder em sociedade e mulheres que são símbolos das lutas feministas²⁸. O *graffiti* de Crica Monteiro (2015) e Panmela Castro (2015), bem como a pixação de autoria desconhecida, são exemplos de mulheres que estão ocupando os espaços urbanos com traços que delimitam temáticas sobre o feminismo negro, a violência doméstica e os direitos sexuais e reprodutivos.

Figura 1 – Crica Monteiro



Fonte: *Hypeness*, 2015²⁹.

²⁷ MENEZES, Cristiane Penning Pauli de. **Uma etnografia dos corpos aliados na busca do reconhecimento e do direito à cidade:** a performance narrativa das mulheres no graffiti ilegal no Brasil e em Portugal. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. 2021.

²⁸ FREITAS, Nathália de et al. **Grafitas feministas:** espaço de luta e resistência na arte urbana (2000-2018). 2019.

²⁹ NUNES, Brunella, Seleção Hypeness: 15 mulheres brasileiras que arrasam na arte do graffiti. **Hypeness**, 03 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/11/selecao-hypeness-10-mulheres-brasileiras-que-arraçam-no-graffiti/>. Acesso em: 09 dez. 2021.

Figura 2 – Pannela Castro



Fonte: *Hypeness*, 2015³⁰.

Figura 3 – Do lar às ruas



Fonte: Terra de Direitos, 2017³¹.

Os movimentos feministas surgem e se organizam em diversos espaços geopolíticos e são dotados de intersubjetividades, revelando os interesses políticos e locais existentes em grupos sociais e de que forma as perspectivas coletivas atingem e produzem a vida das mulheres³². Os grafismos

³⁰ NUNES, Brunella, Seleção Hypeness: 15 mulheres brasileiras que arrasam na arte do graffiti. *Hypeness*, 03 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2015/11/selecao-hypeness-10-mulheres-brasileiras-que-arrasam-no-graffiti/>. Acesso em: 09 dez. 2021.

³¹ PORTO, Dayse; COELHO, Luana Xavier Pinto; TROMBINI, Maria Eugenia; LIMA, Rafaela Pontes de. Do lar às ruas: pixo, política e mulheres. 2017. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/do-lar-as-ruas-pixo-politica-e-mulheres/22448>. Acesso em: 09 dez. 2021.

³² BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra. *Direito e feminismos*: ebook 2020. 1. ed. Florianópolis, SC: Ed. da Autora, 2020.

urbanos, como movimento cultural feminista, promovem campos para que as mulheres representem e exteriorizem as suas próprias vivências e subjetividades, utilizando-se dos traços e dos *sprays* como uma forma de protesto e de crítica social. Os grafismos integram a urbe como uma ferramenta de visibilidade de pautas particulares e coletivas das mulheres, criando espaços de fomento de discussões sobre gênero, raça, etnia e classe social e produzindo memórias feministas nos muros das cidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, a partir de uma pesquisa exploratória e com características de um ensaio, apresentar uma introdução sobre a temática da cultura e dos grafismos urbanos como formas de manifestação e de resistência das mulheres nos espaços urbanos. De maneira inicial, foi trabalhado com a ideia de que os grafismos são formas de comunicação do indivíduo com o seu território, ao mesmo tempo que atuam como uma forma de manifestação de suas inquietações. Após a realização da revisão bibliográfica com recortes dos marcadores sociais da diferença, sobretudo de gênero, foi possível ir além dessas premissas, momento em que se constatou a existência de uma desinserção das mulheres nos grafismos urbanos, a partir de formas de opressão que circundam também a dinâmica cultural.

Apesar de a presença das mulheres dentro das práticas dos grafismos urbanos ainda ser considerada minoritária, é possível identificar um caráter de lutas feministas nos muros das cidades. Embora nem todas as mulheres inseridas nos grafismos sejam necessariamente aliadas às pautas feministas, foi possível identificar uma maior inserção através das conquistas dos movimentos sociais. Para além disso, as mulheres passaram a utilizar esses espaços para a manifestação de suas vivências, resistências e dissidências dentro dos espaços urbanos.

Esse ensaio serviu como um ponto de partida para o estudo sobre os feminismos e os grafismos como formas de cultura e resistência, demonstrando que a temática possui um grande potencial de aprofundamento em pesquisas teóricas e empíricas sobre a presença das mulheres nos contextos urbanos. Ainda, serviu para despertar o desejo de construir e de compartilhar os conhecimentos com a comunidade, pois as reflexões acadêmicas podem ser transformadas em práticas e contribuir diretamente para a construção de uma realidade baseada na diversidade e nas mais variadas formas de existência.



REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Caroline Muller; MARGARITES, Ana Paula Freitas. A mulher, a cidade e o muro: o reconhecimento do traço feminino nos muros pelotenses. **PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 1, n. 1, 2017.
- BAGGENSTOSS, Grazielly Alessandra. **Direito e feminismos**: ebook 2020. 1. ed. Florianópolis, SC: Ed. da Autora, 2020.
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz – 11ª Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007, p. 11.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANCLINI, Néstor Garcia, **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. Tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; Tradução da introdução Gênese Andrade. – 4. ed. 4. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução Luiz Sérgio Henriques. – 3 ed.1. reimp – Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2015.
- CORTÉS, Tania Arce. Subcultura, contracultura, tribus urbanas y culturas juveniles: ¿homogenización o diferenciación? **Revista argentina de sociología**, v. 6, n. 11, p. 257-271, 2008.
- DE JESUS, Jaqueline Gomes. Feminismo e identidade de gênero: elementos para a construção da teoria transfeminista. **Anais do Fazendo Gênero**, v. 10, p. 1-10, 2013.
- DRAKOPOULOU, Maria. **Feminist historiography of law**: exposition and proposition. 2018.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sofia Rodrigues. Lisboa: Temas e Debates, 2003.
- FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos. A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREITAS, Nathália de et al. **Grafites feministas**: espaço de luta e resistência na arte urbana (2000-2018). 2019.
- FURTADO, Janaina Rocha; ZANELLA, Andréa Vieira. Graffiti e cidade: sentidos da intervenção urbana e o processo de constituição dos sujeitos. **Revista Subjetividades**, v. 9, n. 4, p. 1279-1302, 2009.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. – 14.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARQUES, Roberto. **Contracultura, tradição e oralidade: (re)inventando o sertão nordestino na década de 70**. Annablume, 2004.

MENEZES, Cristiane Penning Pauli de. **Uma etnografia dos corpos aliados na busca do reconhecimento e do direito à cidade: a performance narrativa das mulheres no graffiti ilegal no Brasil e em Portugal**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale. 2021.

NUNES, Brunella, Seleção Hypheness: 15 mulheres brasileiras que arrasam na arte do graffiti. **Hypheness**, 03 de novembro de 2015. Disponível em: <https://www.hypheness.com.br/2015/11/selecao-hypheness-10-mulheres-brasileiras-que-arrasam-no-graffiti/>. Acesso em: 09 dez. 2021.

PORTO, Dayse; COELHO, Luana Xavier Pinto; TROMBINI, Maria Eugenia; LIMA, Rafaela Pontes de. **Do lar às ruas: pixo, política e mulheres**. 2017. Disponível em: <https://terradireitos.org.br/acervo/artigos/do-lar-as-ruas-pixo-politica-e-mulheres/22448>. Acesso em: 09 dez. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. **Lutas sociais**, n. 2, p. 59-79, 1997.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.